Um novo enquadramento

Viola Davis diz que ampliar o alcance das histórias que contamos exige rever a medida de valor que as mulheres aplicam a si mesmas

Por MARÍLIA KODIC

UMA DAS POUCAS artistas a conquistar Emmy, Grammy, Oscar e Tony – há apenas 22 ganhadores em toda a história do showbusiness –, Viola Davis vem usando a própria projeção para chamar atenção para repertórios, experiências e vozes que ainda encontram pouco espaço nas estruturas tradicionais do mercado.

Aos 61 anos, a atriz e produtora se interessa cada vez mais pelo debate em torno de quem conta as histórias, quem aparece nelas e segundo quais parâmetros. O assunto atravessa seu trabalho na indústria audiovisual – em personagens emblemáticas como Annalise Keating, de *How to Get Away with Murder*, e Rose Maxson, de *Um limite entre nós* – e, nos últimos anos, também aproximou seu nome de outras frentes, da publicação de suas memórias ao interesse pela literatura afro-brasileira.

Essa atuação se estende ainda à moda e à beleza, territórios em que questões de representação ganham uma dimensão especialmente visível. Às vésperas de cruzar a passarela do Le Défilé – evento da L'Oréal Paris que abre a Semana de Moda francesa e reúne suas embaixadoras globais em torno de uma mensagem de diversidade, autoestima e protagonismo feminino –, Davis conversou com *Marie Claire* sobre como a noção de valor próprio molda a experiência feminina e o que falta para que as narrativas culturais reflitam a real diversidade do mundo.

Hoje as mulheres se deparam com padrões de beleza não apenas na publicidade e nas revistas, mas também por meio de filtros, algoritmos e rostos gerados por inteligência artificial. O que uma mensagem sobre autoestima precisa significar? Coragem. Coragem para definir a si mesma. Nós mulheres permitimos que outras pessoas nos definam. E fazemos de um lugar de não nos sentirmos merecedoras. Isso vem da sensação de que precisamos nos encaixar em algum padrão para reconhecer nosso valor. É preciso ter coragem para percorrer o caminho de se sentir merecedora. Para mim, isso significou acolher a minha história e todas as suas imperfeições. E também conviver com o desconforto que isso traz. E, então, sair do outro lado me sentindo mais forte e mais eu. Também acho que isso é algo que podemos dar umas às outras.

> "O *mundo* não é apenas pessoas *bonitas* com roupas bonitas"
>
> VIOLA DAVIS

Por que o reconhecimento do valor próprio é tão determinante na forma como uma mulher se relaciona consigo mesma e com o mundo? Valor próprio pode ser seu maior ponto de força ou o seu túmulo, dependendo se você o tem ou não. Qualquer problema ou conflito que você tenha sempre vem de um lugar em que você não reconhece o próprio valor. E, quando você reconhece esse valor – e isso é cientificamente comprovado, tá? –, tudo na sua vida muda. Tudo. A ansiedade, a depressão, seu nível de energia. É o que diz a neurociência: existe valor no amor-próprio.

Você vê um potencial ainda pouco explorado na força coletiva das mulheres? A maioria da população mundial é composta por mulheres, e, se as mulheres realmente passassem a reconhecer o próprio valor, o mundo seria tão poderoso que seria difícil de conter. Ao enxergar o próprio valor, enxergamos nossas forças, nosso talento, nossa invencibilidade. Tem algo no nosso DNA que é o poder de querer se conectar, de querer amar, de ser emocional. Coisas que não associamos a força. Mas que são uma energia, uma fonte de poder que, se conseguirmos acessar, poderiam nos ajudar a resolver os problemas deste mundo. Talvez não nesta vida ou na próxima, mas aos poucos chegaremos lá.

Como você analisa a evolução das pautas femininas e feministas? Minha visão para o futuro é que as mulheres entendam que são inteiras. Tenho a sensação, até quando estou nas redes sociais, de que existe uma espécie de súplica por merecimento, para que alguém nos enxergue. Uma súplica para pertencer. Quero que as mulheres saibam que elas têm valor exatamente como são. Hoje. Agora. Não é preciso se esforçar por isso. Não é preciso correr atrás disso. Esse é o mundo que eu quero ver, porque sinto que algumas vezes fui vítima de não enxergar isso.

Recentemente, você fez uma parceria com a editora brasileira Todavia para levar a literatura afro-brasileira a um público internacional mais amplo. O que descobriu na nossa literatura que merece alcançar mais gente? Para mim, a literatura afro-brasileira abrange a beleza, a profundidade e a complexidade da negritude. Como afro-americana, só me contaram uma parte limitada das



FOTO: DIVULGAÇÃO

minhas histórias. E, para além disso, eu mesma tive que buscá-las. Fui ao Brasil e conheci a cultura iorubá e os orixás e vi como os brasileiros abraçam todos os aspectos disso, como compreendem isso... Até o chamado "brasileiro comum" sabe sobre isso. É isso que eu amo na arte de contar histórias.

Você já falou sobre a necessidade de produções audiovisuais terem profissionais de cabelo que realmente entendam de cabelos negros. Qual é a importância dessa expertise para construirmos histórias autênticas? O que fazemos precisa refletir o mundo. Eu poderia repetir isso sem parar. O que fazemos, os mundos que criamos, as histórias que contamos precisam refletir o mundo. O mundo não é apenas branco. O mundo não é apenas masculino. O mundo não é apenas pessoas bonitas com roupas bonitas. O mundo não é apenas mulheres jovens que são uma extensão da fantasia masculina. O mundo é formado por diferentes corpos, raças e histórias, diferentes pontos de vista, memórias e culturas. E, até que reflita tudo isso, nunca poderá ser tão poderoso quanto pode ser. É preciso ser inclusivo se você quiser ter um alcance maior. E as pessoas que criam precisam confiar que isso vai funcionar. ■

> "A *literatura* afro-brasileira abrange a beleza, a profundidade e a complexidade da *negritude*"
>
> V. D.